

O DISCURSO COLETIVO DE UMA COMUNIDADE SEMIRRURAL SOBRE OS ANIMAIS SILVESTRES NO SUL DO PAMPA

*THE COLLECTIVE DISCOURSE OF A SEMIRRURAL COMMUNITY ON
WILD ANIMALS IN THE SOUTH OF PAMPA*

Camila Alvez Islas¹; Greici Maia Behling²; Samuel Molina Schnorr^{3*}

Resumo:

O Pampa, considerado uma das áreas de campo mais biodiversas e importantes do planeta é uma das regiões biogeográficas mais negligenciadas em estudos realizados no Brasil. Apenas nas últimas décadas o Pampa ganhou maior atenção da comunidade científica, que passou a realizar mais pesquisas sobre sua biodiversidade e benefícios da natureza para as pessoas. Os mamíferos são fundamentais na dinâmica dos ecossistemas pampeanos e, ainda assim, muitas espécies da mastofauna de médio e grande porte estão ameaçadas de extinção devido, dentre outros fatores, à fragmentação e destruição dos habitats e à caça. A expansão urbana é um importante causador desses fatores, refletindo em interações negativas entre a fauna silvestre e a população humana. Nesse contexto, a compreensão sobre a visão e os valores das pessoas sobre os animais é fundamental para subsidiar o planejamento de ações conservacionistas nessas áreas. Dessa forma, o objetivo deste trabalho consistiu em identificar os mamíferos silvestres de médio e grande porte e suas relações com moradores de uma comunidade semirrural no município do Capão do Leão-RS, localizado na região sul do Pampa. Para a pesquisa etnozoológica, realizaram-se entrevistas semiestruturadas, as quais foram gravadas e posteriormente analisadas por meio do método quali-quantitativo Discurso do Sujeito Coletivo. Como resultados se apresentam os Discursos do Sujeito Coletivo para oito Instrumentos de Análise. Conclui-se a necessidade de conservação de um remanescente local e das áreas em seu

¹ Instituto Internacional para a Sustentabilidade; Pesquisadora; Estrada Dona Castorina, 124 Horto, Rio de Janeiro, Brasil, 22460-320

² Núcleo de Reabilitação da Fauna Silvestre; Técnica bióloga, Universidade Federal de Pelotas; Instituto de Biologia, Campus Universitário, Prédio 39, Capão do Leão – RS, 96010-900.

³ Núcleo de Educação Científica; Professor Adjunto do Instituto de Ciências Biológicas, Universidade de Brasília; Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília, DF, Brasil, 70910-900. * samuel.schnorr@unb.br

71 O DISCURSO COLETIVO DE UMA COMUNIDADE SEMIRRURAL SOBRE OS ANIMAIS SILVESTRES NO SUL DO PAMPA

entorno por demonstrarem abrigar quantidade significativa de animais silvestres, bem como espécies ameaçadas de extinção.

Palavras-chave: etnozoologia; discurso do sujeito coletivo; conhecimento local; Rio Grande do Sul.

Abstract:

The Pampa biome, considered one of the most biodiverse and important grassland ecosystems on the planet, is one of the most neglected biogeographic regions in studies carried out in Brazil. Only in the last few decades has the Pampa gained greater attention from the scientific community, which has started to carry out more research on its biodiversity and the Nature Benefits for People (NBP). Mammals are fundamental in the dynamics of Pampean ecosystems and, even so, many species of medium and large mammals are threatened with extinction due, among other factors, to the fragmentation and destruction of habitats and hunting. Urban sprawl is an important cause of these factors, reflecting negative interactions between wildlife and the human population. In this context, understanding people's views and values of animals is essential to support the planning of conservation actions in these areas. Thus, the objective of this work was to identify medium and large wild mammals and their relationships with residents of a semi-rural community in the municipality of Capão do Leão-RS, located in the southern region of the Pampa biome. For the ethnozoological research, in a nearby community, semi-structured interviews were carried out, which were recorded and later analyzed using the qualitative method Discourse of the Collective Subject. As a result, the Discourses of the Collective Subject are presented for eight Analysis Instruments. The need for conservation of the remnant and the areas around it is concluded, as they demonstrate a significant number of wild animals, as well as endangered species.

Keywords: ethnozoology; collective subject discourse; local knowledge; Rio Grande do Sul.

1. Introdução

Nos últimos anos, o Brasil avançou bastante na sua participação em debates internacionais relacionados à conservação da biodiversidade (LOYOLA et al., 2014). Entretanto, uma atenção desproporcional tem sido dada aos ecossistemas florestais, em detrimento da conservação de ecossistemas não florestais (OVERBECK et al., 2015). Segundo diagnóstico realizado pela Plataforma Brasileira de Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos (BPBES), mais de 80% dos estudos realizados no Brasil que buscaram entender quais são as principais ameaças à biodiversidade entre 2000 e 2016 (n=716) foram desenvolvidos em regiões fitogeográficas florestais (Amazônia e Mata Atlântica) (BUSTAMANTE et al., 2019). Dentre as regiões biogeográficas brasileiras majoritariamente representadas por ecossistemas não florestais, o Pampa, considerado

72 O DISCURSO COLETIVO DE UMA COMUNIDADE SEMIRRURAL SOBRE OS ANIMAIS SILVESTRES NO SUL DO PAMPA

uma das áreas de campo mais biodiversas e importantes do planeta, é uma das mais negligenciadas (OVERBECK et al., 2015).

A biodiversidade e as Contribuições da Natureza para as Pessoas (CNP) das pastagens naturais exercem um papel fundamental na manutenção no bem-estar das populações humanas que vivem nessas regiões. O Pampa abriga mais de 100 espécies de mamíferos em seu território (REIS et al., 2006), das quais 11 são consideradas atualmente como ameaçadas de extinção (ICMBio/MMA, 2018). Estes animais são peças fundamentais na dinâmica dos ecossistemas, atuando, por exemplo, como predadores de topo de cadeia alimentar (TERBORGH et al., 2001), dispersores e predadores de sementes (JORDANO et al., 2006). As principais causas do declínio dessas espécies são a fragmentação e a destruição dos habitats decorrentes de atividades agropecuárias, seguidas pelas atividades de caça e a captura de animais na natureza, os transportes e a expansão urbana (CHIARELO, 2000; ICMBio/MMA, 2018). Essas atividades também refletem no aumento de interações negativas (agressões, acidentes, dentre outras) entre a fauna silvestre e a população humana, pois esses animais passam a utilizar o ambiente urbano para alimentação e deslocamento. A falta de informação das pessoas sobre a biologia dos mamíferos pode ocasionar morte, ferimentos ou sequelas a esses animais quando entram em confronto com a população (CERATTI et al., 2010).

Nesse sentido, compreender a percepção, a visão e os valores das populações residentes do ambiente urbano a respeito dos mamíferos silvestres, bem como seu conhecimento sobre esses animais, pode oferecer suporte para o desenvolvimento de ações educativas e de conservação de espécies silvestres nessas áreas (KELLERT, 1993; ALVES et al., 2012; PORFIRIO, 2019; OLIVEIRA, 2020; RIOS et al., 2019). Os sujeitos, que apresentam contato ao longo de suas vidas com a fauna silvestre, possuem conhecimentos sobre a biologia e ecologia desses animais e podem, ainda, apontar pistas para novas pesquisas científicas (PORFIRIO, 2019; RIOS et al., 2019). A etnozootologia é a ciência que estuda os conhecimentos, significados e usos dos animais nas sociedades humanas (OVERAL, 1990; SANTOS-FITA, COSTA-NETO, 2007; ALVES et al., 2012), sendo utilizada como ferramenta interpretativa do histórico compartilhado entre pessoas e animais em uma determinada região (ROCHA-MENDEZ et al., 2005). Inclui-se nesse histórico as diferentes manifestações frente à fauna silvestre, sejam estas inspiradas pela afeição, repúdio, reverência ou desprezo, algumas vezes indicando crenças e aspectos cinegéticos locais (ROCHA-MENDEZ et al., 2005; ALVES et al., 2012). Estudos sob a perspectiva etnozoológica são especialmente importantes em locais que carecem de informações sobre espécies e suas interações com a população humana (ALVES et al., 2012; PORFIRIO, 2019), como é o caso do Pampa.

Portanto, o objetivo deste estudo foi identificar e discutir as relações e percepções de moradores rurais de uma comunidade semirrural na porção sul do Pampa sobre a fauna silvestre local. Especificamente, buscou-se i. entender o seu conhecimento sobre a definição de animais silvestres (fundamental para compreender questões legislativas, assim como para colaborar com ações de conservação); ii. Compreender de que forma se dá o contato entre a comunidade e os mamíferos; iii. Listar os animais silvestres visualizados na região (base para a comparação entre a metodologia de levantamento de mamíferos e de pesquisa etnozoológica); iv. Identificar os valores que as pessoas têm sobre os animais silvestres, que refletem diretamente sobre as ações da população (colaborativas - quando a população procura solucionar as interações negativas

73 O DISCURSO COLETIVO DE UMA COMUNIDADE SEMIRRURAL SOBRE OS ANIMAIS SILVESTRES NO SUL DO PAMPA

existentes - ou predatórias - quando a população resolve o problema através da violência); v. Investigar as atividades de caça que, mesmo ilegal, ainda é tratada como forma de lazer e muito praticada (informação determinante no desenvolvimento de planos de manejo e educação da população, bem como de ações de cunho fiscalizatório); vi. Compreender a percepção dos moradores sobre o ambiente e os remanescentes florestais da região (o HBITL e as matas de entorno são áreas de abrigo e, por isso, de interesse para a conservação destes animais).

2. Metodologia

2.1 Área de estudo

Realizamos este estudo em uma comunidade semirrural no município de Capão do Leão, na região sul do Rio Grande do Sul, estado brasileiro que faz divisa com o Uruguai e a Argentina (Fig. 1). O município encontra-se sob a região fitogeográfica do Pampa, apresentando sua fauna e flora características, e mais especificamente na Planície Costeira do estado (IBGE, 1986). A comunidade foi construída no entorno de duas importantes instituições federais na região: a unidade denominada “clima temperado”, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e o campus “Capão do Leão” da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). As moradias da comunidade foram construídas pela EMBRAPA, portanto, ao menos um integrante de cada unidade familiar já havia sido, em geral, funcionário da empresa. A comunidade contava com 80 moradias no momento desta pesquisa.

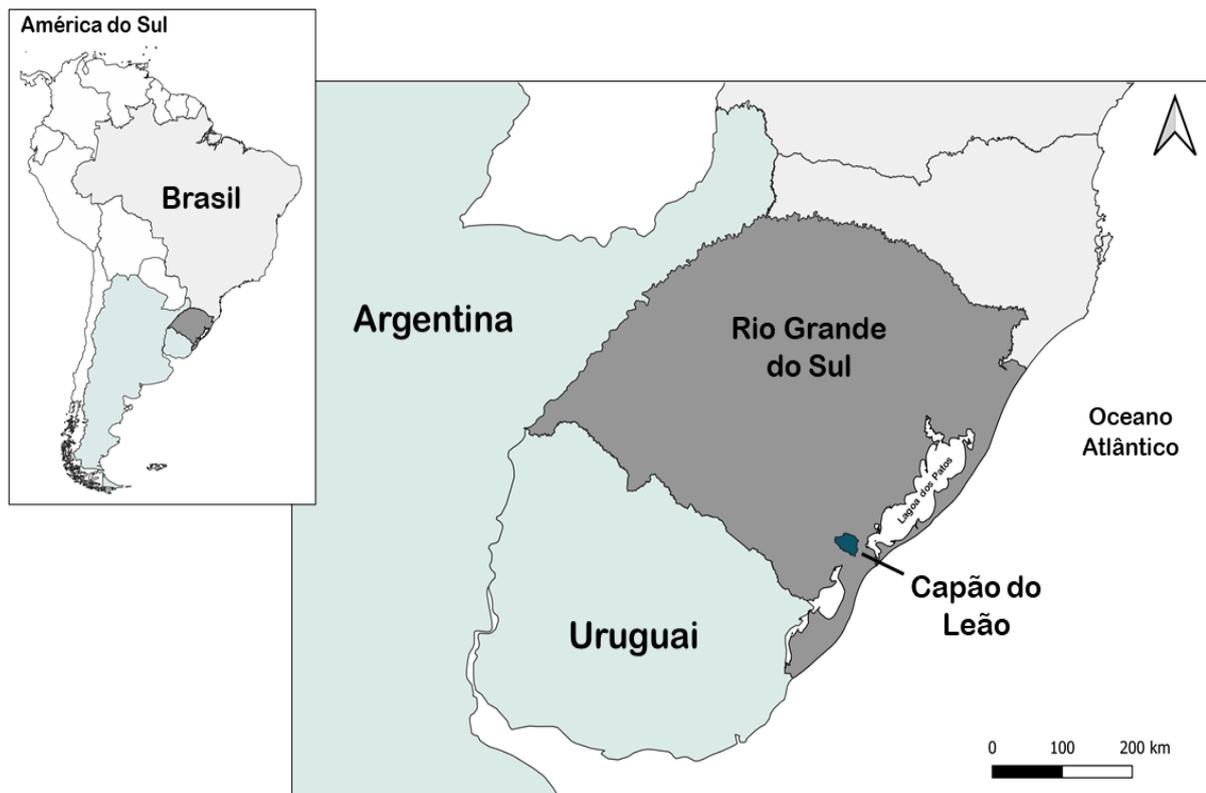


Figura 1. Município Capão do Leão no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, onde se encontra a comunidade alvo deste estudo.

74 O DISCURSO COLETIVO DE UMA COMUNIDADE SEMIRRURAL SOBRE OS ANIMAIS SILVESTRES NO SUL DO PAMPA

Na entrada da comunidade situa-se o Núcleo de Reabilitação da Fauna Silvestre (NURFS), um Centro de Reabilitação da Fauna Silvestre da UFPel (Fig. 2). O NURFS recebe animais, principalmente terrestres nativos do Pampa, provenientes de atropelamentos, do tráfico de animais silvestres, do cativeiro ilegal e órfãos. Essa proximidade da comunidade ao NURFS foi o que motivou esta pesquisa, já que a população do município é um dos principais atores relacionados à fauna silvestre que chega ao centro. Compreender a percepção dos moradores da comunidade sobre a fauna silvestre é fundamental para direcionar ações de sensibilização, uma ferramenta para mitigar o panorama atual de perda de biodiversidade.

Outro elemento importante da paisagem estudada é um fragmento florestal de restinga batizado como Horto Botânico Irmão Theodoro Luís (HBITL). O HBITL, sob responsabilidade técnico-administrativa do Instituto de Biologia da UFPel, é cercado de ambientes de pastagem e de banhados e, apesar de possuir apenas cerca de 100ha, é um dos únicos fragmentos florestais dessa proporção na paisagem mais próxima à comunidade. Apesar de o Pampa não ter formações florestais como característica principal, remanescentes dessas formações possuem papel importante como habitat de espécies de mamíferos. Mostramos em outro estudo que esse fragmento, especificamente, é usado por pelo menos 9 espécies de mamíferos de médio e grande porte (ISLAS, 2012). Esse número pode ser maior considerando que os 48 registros de indivíduos das famílias *Felidae* e *Canidae* não puderam ser identificados ao nível de espécie.



Figura 2. Imagem de Satélite da região de estudo, na qual se destaca a comunidade semirrural estudada, o Núcleo de reabilitação da Fauna silvestres, o Horto Botânico Irmão Theodoro Luís, a Universidade Federal de Pelotas e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) Clima Temperado. Fonte: Google Earth, 2020.

2.2. Coleta de dados

Os dados deste estudo foram coletados em 2012. Todas as 80 moradias da comunidade foram abordadas até três vezes em dias e horários alternados. Os moradores que se disponibilizaram a participar receberam um termo de consentimento, o qual foi lido em voz alta. As entrevistas foram guiadas por um questionário semiestruturado constituído de perguntas relacionadas à: i) observação e contato com mamíferos nativos, ii) à classificação etnotaxonômica das espécies mencionadas, iii) à utilização desses animais (e.g., alimentação, medicina) e a ocorrência de interações negativas, iv) à participação em atividades cinegéticas, e v) à percepção dos entrevistados sobre os remanescentes florestais da região. Fotografias dos mamíferos possivelmente encontrados na região foram mostradas aos entrevistados para facilitar a identificação dos animais citados. As entrevistas foram gravadas, transcritas e depois apagadas.

O material transcrito foi analisado por meio do método quali-quantitativo Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) (LEFÉVRE; LEFÉVRE, 2006). Esse método de análise propõe que, após a tabulação e a categorização do conteúdo, os dados sejam organizados em formato de depoimentos coletivos que revelam crenças, valores e opiniões de um coletivo a respeito de um tema específico com qualidade e eficiência. Para isso, o pesquisador primeiramente define os Instrumentos de Análise de Discurso (IAD), que são questões temáticas modificadas a partir das perguntas realizadas ou de grandes temas que surgiram a partir das entrevistas, que mais se adequem aos dados analisados. Para cada IAD, que podem ser entendidos como perguntas ou assuntos, apresenta-se um DSC resultantes do conjunto de respostas coletadas dos entrevistados, porém sem os particularismos como idade, sexo, eventos específicos e repetições de ideias. Ou seja, cada discurso é criado a partir das várias falas dos sujeitos e apresenta começo, meio e fim, é coerente e possui sequência lógica suportada por conectivos (LEFÉVRE; LEFÉVRE, 2006). Cada DSC é baseado em uma "ideia central", uma expressão ou frase que descreve de maneira sintética e precisa o(s) sentido (s) de cada discurso. Portanto, é comum que cada IAD possua mais de uma ideia central, já que em uma comunidade ou grupo são raros os temas que possuem apenas um ponto de vista, o que resulta em um ou mais DSC para cada pergunta.

Neste estudo, a percepção e o conhecimento dos entrevistados a respeito dos mamíferos silvestres da região foram utilizados na construção de discursos coletivos que, no seu conjunto, fazem emergir o conhecimento, bem como as diversas relações e percepções dos indivíduos sobre os mamíferos silvestres. Baseadas nas perguntas realizadas nas entrevistas, escolhemos oito IADs para discussão dos dados. Quando para um mesmo IAD há DSC antagônicos ou sensivelmente distintos, estes foram divididos em DSC1, DSC2 e, quando necessário, DSC3. Quando as respostas apresentaram discursos conciliáveis, constituíram apenas o DSC1 (PIEPER, 2012). Também analisamos estatisticamente as expressões-chave (i.e., trechos que revelam a essência do conteúdo do discurso) que compõe cada DSC em cada IAD, em uma perspectiva quantitativa, calculando a frequência relativa das respostas sobre o número total de expressões nas respostas dos sujeitos para cada pergunta.

3. Resultados

3.1. Sujeitos da pesquisa

A partir da abordagem das 80 moradias existentes na comunidade pesquisada foi possível entrevistar 47 moradores, dos quais 58% eram mulheres. Os entrevistados tinham idade entre 16 e 81 anos, sendo a faixa etária predominante entre 41 e 60 anos. Embora a comunidade pesquisada apresentasse características semirrurais, estando distanciada do centro da cidade e possuindo criação de animais domésticos de grande porte, como cavalos e porcos, os moradores eram em sua maioria trabalhadores assalariados ou aposentados. Não havia presença significativa de atividades de agricultura ou pecuária no local. Dos residentes, 40% moravam na região há mais de 21 anos, 27% entre 11 e 20 anos e 34% há menos de 10 anos. O morador mais recente vivia no local há um ano e o mais antigo há 63 anos.

3.2. Instrumentos de Análise e Discursos do Sujeito coletivo

Oito IADs foram escolhidos para explorar a percepção dos sujeitos sobre os mamíferos silvestres. Na Tabela 1 apresentamos cada IAD seguido de seus respectivos DSC (1, 2, e 3 quando existente – resultado quantitativo) e explicitamos a porcentagem de sujeitos que contribuíram para cada discurso (resultado quantitativo). Após, apresentamos as principais Expressões-Chave (ECH) que contribuíram para a construção de alguns desses discursos.

Tabela 1 – Discursos do Sujeito Coletivo construídos para cada Instrumentos de Análise de Discurso (IAD).

| Instrumentos | | | |
|------------------------------|--|---|----|
| de Análise de | Discursos do Sujeito Coletivo (DSC) | | %* |
| Discurso (IAD) | | | |
| IAD 1: Os animais silvestres | <i>DSCI: Eu sei o que são animais silvestres: são animais que nascem e vivem na natureza, nos matos, nas florestas, no fundo das nossas casas onde tem mata. São animais que são selvagens e comem uns aos outros, ou seja, não são animais domésticos, como o cavalo e a vaca, e não se pode colocá-los em gaiola ou cativeiro. São animais como os pássaros, o tatu, a cobra, o gambá, o lagarto, a capivara, o veado, a jaguatirica e o jacu. Alguns são perigosos, como a cobra, e destes eu prefiro ficar longe. Aqui na Universidade tem um local que cuida desse tipo de animal, o IBAMA.</i> | - | |
| | <i>DSC2: Eu não sei dizer o que são animais silvestres. Acho que são animais como o leão ou animais que estão em extinção.</i> | - | |
| | <i>DSCI: Eu tenho contato com mamíferos silvestres. Eles aparecem ao redor das nossas casas, nas árvores e nos pátios, nas matas do entorno e nas estradas, principalmente à noite. Aqui tem todo o tipo de animal, alguns, como o gambá, o gato-do-mato, o sorro e a doninha são conhecidos porque atacam o galinheiro atrás de alimento. Outros, conheço porque já peguei ou conheço vizinhos que já pegaram esses animais para criar em cativeiro, como o sorro, o veado, o gato-do-mato e o tatu. Alguns animais, como o gambá, são bons para cozinhar e alguns eu conheço porque o meu pai gostava e assim tive contato com eles. Tem uns animais, principalmente veadinhos, que aparecem aqui no</i> | - | |

fundo das casas e comem alimentos que a gente dá pra eles, mas eu parei de alimentar os animais porque eles ficavam muito mansos. Também vemos animais silvestres nos rios próximos à comunidade.

DSC2: *Eu não tenho contato com mamíferos silvestres, apenas com animais como cavalo, cachorro e gato. Antigamente os mamíferos apareciam, mas há muito tempo não os vejo por aqui. Agora tem muito movimento e muitos cachorros soltos que espantam os silvestres. Eu também não tenho muito tempo para ficar em casa, porque trabalho ou estudo, e por isso não vejo esse tipo de animal. Hoje o que a gente vê é passarinho nos pátios, cobra e lagarto também aparece bastante, mas só. Mamífero silvestre só tem lá pra baixo, onde tem mata, campo e banhado. Quem tem mais contato com esses animais são os homens da família porque vão lá para baixo para pescar e caminhar nos fins de semana.*

DSCI: *Os mamíferos silvestres aparecem nas nossas residências. Destes posso citar o gambá, o sorro, o gato-do-mato, a capivara, o furão, o zorrilho, o veado, o rato-do-banhado, o mão-pelada, a lebre, o ouriço, o tatu, a lontra, o morcego e a preá. Eles não aparecem muito perto das residências, e quando aparece é à noite. Eu não sabia que existiam duas espécies de Sorro⁴. O sorro é também conhecido como graxaim, cachorro-do-mato, lobo-do-mato e raposa. Esses animais aparecem na estrada de acesso ao Horto, no próprio Horto e nas matas do entorno, como no Pasquito⁵, nas ruas no entorno das casas, no caminho para a Barragem Eclusa, perto do Canal São Gonçalo e no Aviário da Universidade. Tenho vizinhos que criam ou criaram esses animais. O sorro é um animal que chega nos galinheiros para se alimentar das galinhas. Ele também se alimenta de coquinhos e dispersa as sementes das plantas através das suas fezes. O tatu não é muito avistado aqui na região. Conheço o peludo, o crioulo, o rabo-mole, o mulita e o bola. São animais que vivem no campo e na mata, mas aparecem nas ruas e estradas da região. Esse animal nós conhecemos por ser alvo de caça, principalmente pra alimentação. É um animal tão bonito que eu gostaria de tê-lo em casa. O zorrilho é um animal que a gente reconhece pelo cheiro. Mesmo que a gente quase não o veja, a gente sabe que ele passou pelo fedor. A gente o visualiza nos campos, na Barragem ou morto na faixa. O ouriço é mais conhecido como porco-espinho. É difícil nós o visualizarmos. Há muitos anos atrás ele aparecia no Horto Botânico e em algumas matas mais afastadas. Também é um mamífero importante na dispersão de sementes. O gambá a gente também conhece como raposa. É um animal que aparece mais durante a noite e deixa um cheiro ruim. É o gambá ou o zorrilho que deixa esse cheiro, não sei. Esse é um bicho que vive atacando as galinhas, aparece muito aqui na casa de quem cria pinto. A raposa é vista no pátio, na barragem Eclusa e nos campos. Tem gente que mata, mas é um bicho engraçado. É um animal que tem bolsa pra carregar os filhotes. O mão-pelada nunca é avistado. Dizem que aparece nas matas mais fechadas. É raro, mas podem chegar perto das casas para se alimentar no galinheiro. É um animal bem bonito, até teria um em casa. O cervo ou veado eu sei que tem aqui no entorno, pois já chegaram aqui em casa e já os alimentei com*

IAD 3: Um pouco sobre os mamíferos silvestres que aparecem nas residências e em outros locais da região

66%

⁴ Referência às duas espécies que ocorrem na região: *Cerdocyon thous* (Graxaim-do-mato) e *Lycalopex gymnocercus* (Graxaim-do-campo)

⁵ Remanescente de mata citado pelos entrevistados que se encontra ilustrado na Fig. 3.

78 O DISCURSO COLETIVO DE UMA COMUNIDADE SEMIRRURAL SOBRE OS ANIMAIS SILVESTRES NO SUL DO PAMPA

frutas. Porém, não sei se esses animais são nativos ou se fugiram de gente que criava. É um animal que desperta grande afeição, é um herbívoro dócil. Mas o pessoal também caça bastante. O ratão-do-banhado ou rato-selvagem é um animal que aparece nos açudes e na beira dos arroios, principalmente quando tem enchente. São animais que cavam tocas em meio ao junco em épocas de seca, se reproduzem e mais tarde em épocas de chuva surgem em meio a uma explosão populacional. A capivara, também conhecida como capincho, é muito conhecida aqui. A EMBRAPA criava esses animais aqui na frente das nossas casas, mas também tem bastante desses animais na região. Esse é o bicho mais caçado aqui da região. O furão ou doninha aparece é perto dos galinheiros. Já o gato-do-mato a gente conhece. Também chamamos de Jaguatirica, gato-palheiro e gato-sereno. Já apareceu por aqui o gato-do-mato preto. Esses bichos também atacam o galinheiro pra se alimentar. Tem um morador que capturou um animal desses que estava atacando suas galinhas e entregou ao Núcleo de Reabilitação de Animais Silvestres. Tem gente que já tentou criar esses bichos, mas não dá certo, são muito ariscos⁶. A Lebre é um animal comum próximo às nossas casas, nas estradas e ruas do entorno, normalmente aparece à noite.

DSC2: Os mamíferos silvestres não aparecem perto das nossas casas, o que aparece é cachorro e gato. Acredito que isso aconteça principalmente porque temos muitos cachorros soltos no entorno das casas que espantam esses animais e também porque agora tem mais ônibus que passam por aqui e mais movimento de pessoas. 34%

DSCI: Eu gosto de mamíferos silvestres. Quem mora aqui normalmente é porque gosta, até gostaria que tivesse mais. São bichos que não fazem mal a ninguém, desde que tu não mexas com eles, matam por sobrevivência. São companheiros, sensíveis, fiéis e bonitos, porém não gosto de pegar para criar. Eu não mato esses animais e denuncio quem faz mal a eles ou caça, gosto de protegê-los, já que fomos nós que invadimos o seu habitat. 77,4%

DSC2: Não tenho nada contra os mamíferos silvestres, só não gosto que fiquem em cima de mim, dentro de casa. Mas não mato, são indiferentes a mim. 9,6%

DSC3: Eu não gosto de mamíferos silvestres. Prefiro que eles fiquem longe, pois não dá certo vivermos perto deles. Não gosto que eles me incomodem, pois cada um tem seu lugar. Tenho medo dos que atacam ou podem fazer mal. 13%

DSCI: Os mamíferos silvestres são importantes, se não, não existiriam. São animais benéficos, importantes para a natureza, pois ajudam a manter suas funções e seu equilíbrio. Eles transportam sementes, mantêm a cadeia alimentar se alimentando uns dos outros, e assim fazem o controle biológico das espécies, isso eu vi na televisão. Alguns desses animais estão em extinção e estão desaparecendo. Eu não conheço malefícios causados por eles, são animais que não incomodam. Não trazem prejuízos para nós se forem respeitados. Até podem pegar uma galinha ou um pintinho, mas o prejuízo é pouco, eles têm que se alimentar e alimentar os seus filhotes. Eu também posso trancar o galinheiro de noite que não tenho problemas, não precisa matar os animais. Também acho que são importantes para as pessoas. 77,8%

DSC2: Eu não conheço benefícios dos mamíferos silvestres. Prejuízo eles não trazem, 22,2%

IAD 4: O gostar ou não dos mamíferos silvestres

IAD 5: A importância dos mamíferos silvestres

⁶ Nove entrevistados afirmaram manter ou conhecer quem manteve mamíferos silvestres em cativeiro, principalmente sorros (Canidae), veados (*Mazama* sp.) e gatos-do-mato (Felidae).

79 O DISCURSO COLETIVO DE UMA COMUNIDADE SEMIRRURAL SOBRE OS ANIMAIS SILVESTRES NO SUL DO PAMPA

| | | |
|---|--|-------|
| | <i>desde que não interfiram na minha vida e fiquem no seu lugar, pois se não trazem prejuízos à criação de animais domésticos, plantações e também podem trazer doenças. Eu tenho medo desses animais e os mato ou peço para que alguém os mate antes que eles me façam mal.</i> | |
| | <i>DSCI: Eu não caço nem mato mamíferos silvestres e não conheço ninguém que pratique essa atividade. As mulheres são mais de casa e não saem muito e os homens gostam bastante de pescar.</i> | 41,3% |
| IAD 6: A caça de mamíferos silvestres | <i>DSC2: Eu não caço mamíferos silvestres, mas conheço vizinhos e parentes que caçam ou gostavam de caçar aqui na volta. Hoje em dia é mais difícil, pois os jovens não têm mais tanto interesse nesta atividade e as leis também fizeram diminuir a procura, hoje a gente até vê animais que estavam desaparecendo. O IBAMA aqui da universidade, o núcleo, também impede a caça. Os moradores mais antigos possuíam costume de caçar esses animais com grande frequência, mas hoje já estão impossibilitados de participar de caças, só que esse pessoal caçava pra comer, hoje é mais por esporte, mas ainda tem. Os maiores alvos dessas atividades são a capivara, o tatu, a lebre e o ratão-do-banhado. Eu já matei gambá porque estava no meu galinheiro.</i> | 58,6% |
| IAD 7: O uso e o conhecimento sobre o Horto Botânico Irmão Teodoro Luís | <i>DSCI: Eu conheço o Horto Botânico, lá é mata selvagem, tem árvores centenárias. Quem fundou foi um padre que se chamava Irmão Teodoro Luís, era um botânico que conhecia todas as árvores e os seus nomes científicos. Eu morava ali perto, me criei lá, visitava com o colégio, visitava amigos, trabalhava no entorno. Há muito tempo não vou lá, hoje poucas pessoas ainda frequentam o lugar. Pelo que lembro, avistava o mão-pelada, a lebre, o sorro, o capincho, o ratão-do-banhado, a raposa, o veado, o tatu que aparecia quando chovia, o zorrilho que tínhamos que fugir se não ele vinha na volta. Eram bichos mansos, só o gato-do-mato era bicho arisco, aí o pessoal caça e liquidam com tudo. Tenho pena de ver o estado em que o lugar se encontra. Antigamente, perto de 1975, ele era bem cuidado, bem arrumado, possuía seis funcionários que varriam o local, deixavam só a terra batida, para mantê-lo limpo, impecável. Levávamos as crianças toda a semana, fazíamos piqueniques, jogávamos futebol, fazíamos churrascos, preservávamos o local. Hoje está sujo e mal cuidado, um lixo.</i> | 59,1% |
| | <i>DSC2: Eu não conheço o Horto Botânico, até já ouvi falar, mas nunca fui lá. Eu sou morador novo, filho dos moradores. Hoje os guardas da EMBRAPA já não permitem a nossa passagem.</i> | 40,9% |
| IAD 8: A proximidade com as matas da região | <i>DSCI: Tenho costume de andar no entorno e nas matas, principalmente pelo ato de fazer caminhadas. Eu gosto do mato que tem na volta das nossas casas, não gosto que destruam. É muito boa pra saúde, purifica o ar. Também gosto de pescar e conhecer a mata da região. Nessas caminhadas vejo alguns mamíferos silvestres como o sorro, o capincho, a raposa e o zorrilho.</i> | 70,4% |
| | <i>DSC2: Eu não tenho o costume de andar nas matas e no entorno, pois não tenho muito tempo disponível e os guardas da EMBRAPA não nos permitem passar pelo portão que dá acesso ao Horto botânico e aos campos do entorno.</i> | 29,6% |

*Porcentagem de entrevistados cujas respostas contribuíram para construir o DSC.

Os locais citados pelos entrevistados como áreas de visualização de mamíferos silvestres podem ser vistos na Figura 3.



Figura 3 - Locais citados durante as entrevistas como áreas de visualização de mamíferos silvestres: 1. Estrada, 2. HBITL, 3. Pasquito, 4. UFPel, 5. Casas dos entrevistados, 6. Estrada da Barragem Eclusa, 7. Barragem Eclusa, 8. Canal São Gonçalo. Capão do Leão, RS. Fonte: Google Earth, 2011 (SIG).

Como resultado complementar, a Tabela 2 apresenta os nomes populares das espécies mencionadas pelos entrevistados durante as entrevistas, seja porque foram avistadas, são conhecidas por eles, possuem interações negativas ou são comumente caçadas. Ainda foram citados o furão (*Galactis cuja* - 2,3%), lebre (*Lepus europaeus* - 2,3%), mão-pelada (*Procyon cancrivorus* - 1,7%), morcego (Chiroptera - 1,1%), preá (*Cavia* sp. - 0,7%), ouriço (*Sphiggurus spinosus* - 0,7%) e lontra (*Lontra longicaudis* - 0,3%).

Tabela 2 – Nomes populares dos animais mencionados como já visualizados na região pelos entrevistados e seus respectivos nomes científicos, seguidos pela porcentagem de entrevistados que os citaram (N=298).

| Expressões | % |
|---|-------|
| Gambá/Raposa (<i>Didelphis albiventris</i>) | 20,1% |
| Capivara (<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i>) | 16,8% |
| Sorro/Graxaim (Canidae) | 12,1% |
| Gato-do-mato (Felidae) | 10,4% |
| Tatu (Dasypodidae) | 9,4% |
| Zorrilho (<i>Conepatus chinga</i>) | 8,7% |
| Ratão-do-banhado (<i>Myocastor coypus</i>) | 8,4% |
| Veado (<i>Mazama</i> sp.) | 5,0% |
| Total | 100% |

4. Discussão

Os resultados da pesquisa mostram que a comunidade semirrural estudada apresenta, de forma geral, conhecimento e uma ampla relação com os animais silvestres e com os remanescentes de vegetação nativa da região. Todavia, uma parte da comunidade mostrou não possuir essa conexão e evitar o contato com a natureza e com os animais silvestres. O DSC1 do IAD 1, "Os animais silvestres", reflete os discursos dos sujeitos que sabem, em parte ou completamente, o que são animais silvestres. Neste DSC identificam-se expressões que compõem um significado coerente com a definição técnica do conceito⁷. Percebe-se que os animais silvestres são familiares aos sujeitos, já que estes mencionaram nomes populares de animais e onde são encontrados, inclusive próximo às suas casas. Alguns sujeitos mencionaram que sabem o que são animais silvestres, mas tiveram dificuldade de conceituar o termo ou apresentar exemplos. No discurso emergiu, também, a ciência dos sujeitos sobre a diferença entre animais silvestres e domésticos, os aspectos da ilegalidade de colocar esses animais em cativeiro e a percepção sobre alguns animais.

O que os sujeitos mencionam como IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) é, na realidade, o NURFS/CETAS/UFPEL que está localizado na entrada da comunidade. É comum em muitas comunidades locais e tradicionais do Brasil que diferentes instituições relacionadas às questões do meio ambiente (e.g., Polícia ambiental, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Ministério do Meio Ambiente) sejam conhecidas popularmente como "IBAMA" ou "órgão do Meio Ambiente". Isto acontece devido à falta de informação sobre como essas diferentes instituições atuam e também pela grande repressão sofrida por muitas comunidades relacionadas à caça ou ao corte da vegetação.

No DSC2 do IAD 2 encontra-se o discurso dos sujeitos que admitem não saber o que são animais silvestres ou que possuem informações equivocadas a respeito. Surge no discurso coletivo a associação dos animais silvestres a animais exóticos, como o leão. Esse tipo de associação é comum por dois motivos. A palavra "exótico" significa, no seu sentido figurado, *esquisito, extravagante, diferente* (FERREIRA, 1999), sendo, portanto, comumente associada a animais silvestres como as cobras e as aves de rapina. Também é muito comum as escolas e as mídias brasileiras utilizarem animais exóticos em seu ensino e programas, ao invés de utilizarem animais nativos. Assim, a ideia que se forma no imaginário de grande parte da população é de que os animais silvestres são todos os animais "selvagens", aqueles que vivem nas savanas, nas florestas, em outros continentes, muitas vezes sem nem mesmo tomar conhecimento de que existem animais selvagens na sua região (ISLAS, 2012). A associação do conceito com animais em extinção também ocorreu, o que também é equivocado, já que para ser considerado em extinção o animal deve estar presente em alguma lista oficial de espécies ameaçadas (ex.: Lista de Espécies Ameaçadas de Extinção no Rio Grande do Sul – MARQUES et al., 2002).

⁷ A saber, são "animais silvestres são todos aqueles animais pertencentes às espécies nativas, migratórias e quaisquer outras, aquáticas ou terrestres, que tenham seu ciclo de vida ocorrendo dentro dos limites do Território Brasileiro ou águas jurisdicionais brasileiras" (BRASIL, 1998).

82 O DISCURSO COLETIVO DE UMA COMUNIDADE SEMIRRURAL SOBRE OS ANIMAIS SILVESTRES NO SUL DO PAMPA

O DSC1 do IAD 2, “o contato com mamíferos silvestres”, parte dos moradores da comunidade que têm contato com os animais silvestres, seja nos ecossistemas da região ou perto de suas casas, já que muitos animais acabam sendo atraídos pela degradação e diminuição de seus habitats e por uma alimentação de fácil acesso (lixo doméstico, frutas e criação de animais domésticos). Do discurso emergiram algumas características das espécies (ex: hábitos noturnos), bem como a natureza de relações dos entrevistados com esses animais. Algumas relações se mostram conflituosas, como por exemplo, as que se referem às espécies que atacam os galinheiros, devido aos prejuízos sentidos pelos sujeitos pela perda dos animais de criação. Já outras relações se mostram harmoniosas, como a vontade expressa pelos sujeitos de alimentar e pegar os animais para criar, como forma de protegê-los ou tê-los por perto. A importância do contato com esse tipo de animal realizado na infância, bem como o contato realizado através da cultura da caça, fora destacada.

Percebe-se que o hábito de retirar animais silvestres do seu habitat para criá-los em cativeiro é recorrente na comunidade. Sobre esta questão cabe discutir por que o cativeiro de animais silvestres ainda ocorre em tamanha proporção, mesmo sendo proibido e com a presença de uma importante instituição que atua contra o tráfico e o cativeiro ilegal próximo à comunidade. Sabe-se que o ato de ter estes animais como animais de companhia ou para exibição é uma questão cultural (RENCTAS, 2001). Todavia, existem diversos esforços educacionais e institucionais para conscientizar a população sobre os prejuízos do cativeiro ilegal, que tem efeitos negativos para esses animais (ISLAS, 2012). Uma dieta inadequada e a privação de liberdade, além de resultarem em consequências diretas para o bem-estar dos indivíduos afetados, também gera efeitos negativos nos ecossistemas, como a diminuição de suas populações na natureza (SAITO et al., 2010). Ainda assim, alguns sujeitos afirmaram não realizar mais atividades que possam ser danosas para os animais silvestres.

O DSC2 apresenta o discurso daqueles que não tem contato com mamíferos silvestres, apesar destes aparecerem recorrentemente na comunidade. Percebe-se que alguns motivos podem justificar essa falta de contato dos sujeitos com a fauna: i) distanciamento desses sujeitos do ambiente natural e desinteresse sobre a presença de animais; ii) diferença entre localização das casas na comunidade (casas mais próximas da mata teriam mais contato com os animais); iii) espécies silvestres sinantrópicas que aparecem apenas durante a noite próximas das moradias; iv) ausência de fontes de alimento em algumas casas e presença de cães, e ainda v) a possibilidade de algumas espécies não estarem tão presentes. Um aspecto interessante desse discurso é o de que muitas mulheres da comunidade relataram não possuir conhecimento sobre a existência ou características dos mamíferos silvestres, e que não tem contato com esses animais porque não frequentam as matas da região, afirmando que esta é uma atividade exclusivamente masculina. Este resultado é preocupante e reflete uma questão de gênero determinante, já que conhecer a fauna e os ambientes da sua região não é direito exclusivamente masculino. Esse distanciamento reflete de forma extremamente negativa na relação mulher-meio ambiente. A partir deste resultado, é fundamental o desenvolvimento de ações educacionais que preencham essa lacuna, pois se torna muito mais difícil conservar aquilo que não se conhece (KUHNEN, 2002).

O IAD 3 trata especificamente do conhecimento que os moradores tem sobre os mamíferos silvestres. O DSC1 emerge do discurso dos moradores que conhecem os mamíferos silvestres e a percepção coletiva sobre esses animais se baseia nas mais diversas situações, sendo que o mesmo animal pode despertar mais de um tipo de percepção ou relação com os moradores. Primeiramente, percebe-se que os animais possuem diferentes nomes populares. Alguns até mesmo geram confusão, como a "Raposa", que ora refere-se aos graxains do campo e do mato (*Lycalopex gymnocercus* e *Cerdocyon thous*, respectivamente), ora refere-se ao gambá (*Didelphis albiventris*). Conhecer os nomes populares dos animais é fundamental para o desenvolvimento de atividades e material educativos contextualizadas, pois a população deve entender e sentir-se familiarizada com os animais (SAIKI; GUIDO; CUNHA, 2009).

Algumas espécies de morfotipo semelhante não são diferenciadas pela maioria dos entrevistados. Por exemplo, são conhecidas três espécies de gatos-do-mato (*Leopardus sp.*) na região (MAZIM; DIAS; SCHLEE JR., 2004) e os moradores identificam as três espécies como gato-do-mato ou jaguatirica, sem diferenciação entre elas. Outros animais que são confundidos são o zorrilho (*Conepatus chinga*) e o gambá. Em especial há dúvida sobre qual destas espécies de animais possui um odor ruim característico. Esta confusão é comum por que alguns programas e matérias de comunicação que apresentam animais da família Mefitídeos, quando traduzidos para o português, chamam esses animais erroneamente de gambá, ao invés de usar algum dos nomes populares do animal (e.g., zorrilho, cangambá, jaritataca). Um exemplo é o personagem fictício Pepe Le Pew da *Looney Tunes* (Warner Bros), que é conhecido no Brasil como Pepe Le Gambá, porém é baseado em uma espécie exótica de zorrilho.

Os resultados demonstram que os entrevistados possuem conhecimentos amplos sobre a biologia dos animais. Por exemplo, mencionaram que o gambá ou raposa é um marsupial e possui uma bolsa para carregar seus filhotes, informação pouco conhecida pela população em geral. Questionaram, ainda, se os cervos avistados na comunidade são nativos ou são animais que viviam em cativeiro e acabaram fugindo de moradores que os criavam como animais de estimação. Sobre as capivaras (*Hydrochoerus hydrochaeris*) e os ratões-do-banhado (*Myocastor coypus*), destacaram que são animais que tem explosões populacionais durante as enchentes. Por fim, animais como o ouriço e o mão-pelada (*Procyon cancrivorus*) foram citados como animais que eram avistados em épocas anteriores, mas não são comumente encontrados, o que aponta para uma possível diminuição dessas populações na região.

O DSC2 deste IAD 3 reflete o discurso dos moradores que não possuem conhecimento sobre os mamíferos silvestres da região, o que é causado principalmente pelo pouco contato com esses animais. Do IAD 4, "gostar ou não dos mamíferos silvestres", surgiram três DSC. Do DSC1, que compreende a maior parte dos sujeitos, emergem valores e percepções positivas sobre os mamíferos silvestres. Surge nesse discurso que os animais silvestres "não fazem mal a ninguém", principalmente "quando respeitados". A visão que os mamíferos são animais sensíveis, fiéis e companheiros e que precisam ser protegidos, embora romântica (SOUZA, 2004), aparece como situação mais favorável à conservação dos mamíferos silvestres, já que esses indivíduos se mostram mais propensos a querer proteger e conservar esses animais.

Do DSC2 emerge a percepção de que os mamíferos silvestres, a priori, não causam empatia nem descontentamento, apenas existem. Os sujeitos que possuem esta

84 O DISCURSO COLETIVO DE UMA COMUNIDADE SEMIRRURAL SOBRE OS ANIMAIS SILVESTRES NO SUL DO PAMPA

percepção se percebem como tolerantes com os animais, porém, a maior parte dos entrevistados complementou que não querem os mamíferos perto ou dentro de casa, pois os percebem como animais “sujos”, perigosos, que transmitem doenças e que tem seu lugar na natureza, longe das pessoas. Portanto, é possível que os sujeitos com este discurso venham a apresentar interações negativas com a fauna, caso um mamífero silvestre chegue perto da sua moradia.

Por fim, no DSC3 emergem os valores negativos a respeito dos mamíferos silvestres. Portanto, estes sujeitos declaradamente não gostam desses animais silvestres. Neste discurso encontra-se a percepção dos animais como invasores, que causam descontentamento quando se aproximam. Estes sujeitos compreendem que como as casas são das pessoas, os animais devem respeitar este limite e, caso não o façam, devem ser repelidos. Emerge também a questão do medo que, muitas vezes, por falta de informação ou irracionalidade, resulta na morte de animais silvestres. Este DSC é o que se apresenta como maior empecilho as ações de conservação de mamíferos silvestres, pois, como já foi dito anteriormente, como a conservação é baseada em valores (KELLERT, 1993), é difícil querer conservar algo pelo que não se tem apreço ou não se dá valor.

No DSC1 do IAD 5, “a importância dos mamíferos silvestres”, surgem percepções das mais diversas quanto à importância dos mamíferos. A maior parte das percepções partem de uma ideia genérica, onde a importância dos animais é reconhecida, porém não é especificada. Dentre os sujeitos que deram exemplos sobre a importância dos mamíferos, se destacam as funções ecossistêmicas desses animais, que garantem que “a natureza continue funcionando”. Neste discurso, alguns sujeitos relatam não ter prejuízos com os mamíferos silvestres ou, caso tenham, não se importar por ser um prejuízo de pequena escala ou uma “contribuição” aos animais.

Os DSC2 percebem pouca importância ou benefícios advindos dos mamíferos para a natureza e para o ser humano. Alguns sujeitos mencionam que os animais tem uma importância quando não ultrapassam um limite mínimo de distância entre os locais em que estes e suas famílias utilizam. Do discurso surge como justificativa dessa percepção as interações negativas entre a comunidade e os animais silvestres, especialmente relacionadas aos ataques à criação de animais domésticos e ao consumo de lixo doméstico. Para mitigar essa percepção dos moradores, seria possível realizar ações simples e amplamente conhecidas de manejo, como por exemplo, reforçar a segurança das telas de galinheiros e prender os animais domésticos a noite.

O DSC1 do IAD 6, “a caça de mamíferos silvestres”, se refere aos entrevistados que afirmaram não praticar atividades de caça e que mencionaram não conhecer ninguém que as pratiquem. Neste discurso, reaparece a afirmação de que esse tipo de atividade é preponderantemente realizada pelo sexo masculino e que as mulheres preferem realizar atividade de lazer em casa. É importante considerar que, como o tema da caça é um tema sensível, uma vez que a atividade é proibida pela Lei de Proteção à Fauna (Lei nº 5.197, de 3 de janeiro de 1967), o discurso de muitos sujeitos pode ser resultado do medo de repreensão ou pela vergonha de confessar a prática dessa atividade. Já no DSC2, apesar de também serem poucas as pessoas que confirmaram praticar a atividade, os sujeitos mencionaram saber que a atividade é realizada na região por

85 O DISCURSO COLETIVO DE UMA COMUNIDADE SEMIRRURAL SOBRE OS ANIMAIS SILVESTRES NO SUL DO PAMPA

outras pessoas, ainda que em menor proporção do que era realizada há algumas décadas.

Além da caça para consumo de carne, os sujeitos relataram que a atividade é realizada como retaliação por causa de interações negativas, demonstrando novamente a necessidade de ações de educação ambiental na região. O NURFS/CETAS/UFPEL, novamente citado como IBAMA, aparece como agente coibidor da caça nessa área. Todavia, a abrangência relatada da atividade demonstra a necessidade de desenvolvimento de novas metodologias e de maiores esforços para atuação nesse tema, em planos de manejo e educação da população, a fim de coibir a realização dessa atividade predatória.

O DSC1 do IAD 7, "O uso e o conhecimento sobre o Horto Botânico Irmão Teodoro Luís", emergiu principalmente do discurso dos moradores mais antigos. Esses moradores demonstraram amplo conhecimento sobre o remanescente, já que, segundo eles, este era muito utilizado pela comunidade antigamente. Segundo os entrevistados, no passado o lugar era intensamente frequentado pelos moradores locais, que utilizavam o remanescente como área de lazer para diversas atividades sociais, como churrascos, festas, jogos de futebol. Atualmente o fragmento está em recuperação, fato que é mencionado como negativo pela população, que tem a percepção de que o local está sujo e mal cuidado, em virtude do crescimento de plantas sobre as trilhas. Nesse sentido, preocupa, que a população não perceba benefícios associados à recuperação da vegetação nativa do remanescente, como por exemplo, seu papel na conservação da biodiversidade local ou na provisão de serviços ecossistêmicos como água limpa e regulação do clima. Essa visão pode também ser alvo de ações de educação ambiental, ao apresentar novas possibilidades de apreciação da natureza.

Do DSC2, emerge o discurso dos moradores mais novos e mais jovens. Estes moradores já ouviram falar, mas não conhecem o local e não possuem interesse em conhecê-lo. De acordo com o discurso dos sujeitos, a EMBRAPA controla a passagem de acesso ao HBITL porque ele se situa na área da empresa. Dessa forma, não é mais permitida a passagem dos moradores em determinados horários e nos fins de semana, o que é apontado como um motivo para não acessar o HBITL.

Por fim, do IAD 8, "a proximidade com as matas da região", emergiram dois DSC que se diferem principalmente pelos discursos de quem tem o costume de caminhar pelas matas da região e de quem não o tem. No DSC1, que compreende a maior parte dos sujeitos que responderam a esta pergunta, percebe-se uma relação mais próxima com o meio ambiente e uma compreensão maior dos benefícios de se ter um ambiente natural preservado. Inclusive, muitos destes sujeitos mencionaram que encontram mamíferos silvestre durante as caminhadas. O apreço pelas matas da região pode colaborar para a sua conservação, influenciando diretamente a disponibilidade de habitat para a fauna. O DSC2 reflete um distanciamento dos sujeitos do ambiente natural, que mencionaram falta de tempo e a falta de incentivo como principais motivos. Neste contexto, torna-se mais difícil o contato dos entrevistados com mamíferos da região, o que reflete na sensibilização dos indivíduos para a conservação (CAMPOS; MARIANO, 2005), pois, quando os sujeitos não se sentem pertencentes ao meio onde estão inseridos, não se compreende a necessidade de conservar aquilo que está longe (SÁ, 2005).

4. Conclusões

Este estudo utiliza de forma inovadora a análise do Discurso do Sujeito Coletivo para compreender as relações e percepções de moradores rurais de uma comunidade semirrural sobre a fauna silvestre local. O método se mostrou valioso para explorar os diferentes e múltiplos discursos e conhecimentos que existem em uma mesma comunidade sobre as espécies de mamíferos silvestres e sobre sua relação com os ecossistemas e remanescentes de vegetação nativa na região.

O estudo mostrou que existem dois principais perfis de sujeitos na comunidade relacionados aos temas de estudo e seus discursos. Um grupo de sujeitos conhece bem os animais silvestres da região, possuem diversos conhecimentos sobre sua biologia e hábitos, os percebem como valiosos para a natureza e para o ser humano e dão valor aos remanescentes de vegetação nativa da região. Este primeiro grupo foi, em sua maioria, representado por homens, com idade acima de 40 anos. O outro grupo, de forma geral, não possui conhecimento sobre os mamíferos silvestres da região, os percebem como animais que causam prejuízos ao ser humano e não apreciam ou não usam as áreas de vegetação nativa da região. Este grupo foi principalmente representado pelas mulheres e jovens da comunidade. Todavia, como mencionado, os sujeitos de cada perfil não ficaram restritos a esses discursos. Há sim, mulheres e jovens que conhecem a fauna, os percebem como importantes e apreciam a vegetação nativa da região.

Os resultados encontrados apresentam informações importantes para a conservação e para a gestão dos mamíferos silvestres da região e dos ecossistemas locais. Neles são encontrados indicativos de quais espécies são encontradas no local, informações sobre sua biologia e ecologia, sobre as relações positivas e negativas entre essas espécies e as pessoas, sobre a percepção dos moradores sobre a vegetação nativa, entre outros. Esses dados podem ser utilizados, por exemplo, na tomada de decisão de órgãos ambientais, por universidade e instituições não governamentais que tenham como objetivo realizar ações de manejo da fauna, de reprodução e reintegração de espécies, ou ações educativas com vistas a sua conservação. Como é amplamente conhecido, ações e programas que buscam conservar a biodiversidade, mas não levam em conta as percepções dos indivíduos e comunidades estão fadadas ao fracasso.

5. Agradecimentos

Os dados deste trabalho foram obtidos mediante o consentimento informado dos entrevistados. Agradecemos a todos os participantes pela disponibilidade e pelas contribuições ímpares a esta pesquisa.

Referências –

87 O DISCURSO COLETIVO DE UMA COMUNIDADE SEMIRRURAL SOBRE OS ANIMAIS SILVESTRES NO SUL DO PAMPA

ALVES, R. R. N.; GONÇALVES, M. B. R.; VIEIRA, W. L. S. Caça, uso e conservação de vertebrados no semiárido Brasileiro. **Tropical Conservation Science**, v. 5, n. 3, p. 394–416, 2012.

BRASIL. Portaria IBAMA nº 93, de 07 de julho de 1998. **IBAMA**. Disponível em: <encurtador.com.br/djE25>. Acesso em: 10 jan. 2021.

BUSTAMANTE, M. M. C., METZGER J. P., SCARIOT A., BAGER, A., TURRA, A., BARBIERI, A., NEVES, A., BOESING, A. L., AGOSTINHO, A. A., MARQUES, A. C., DIAS, B., GRELLE, C. E. V., CAIXETA, D., SAWYER, D., SCARANO, F.R., SOUSA F. D. R., FERNANDES, G. W., QUEIROZ, H., MIRANDA, H. S., SCHONGART, J., QUINTÃO, J. M. B., MARTINELLI, L. A., GOMES, L. C., DA CUNHA, M. C., PIEDADE, M. T. F., SATO, M. N., VALE, M. M., AQUINO, M. F. S., VOGT, N., MAY, P., FEARNSSIDE, P., PRADO, R. B., RODRIGUES, R. R., THOMAZ, S. M., PIVELLO, V. R., IMPERATRIZ-FONSECA, V. L., FARJALLA, V. F. Tendências e impactos dos vetores de degradação e restauração da biodiversidade e dos serviços ecossistêmicos. In: Joly, C. A., Scarano, F. R., Seixas, C. S., Metzger, J. P., Ometto, J. P., Bustamante, M. M. C., Padgurschi, M. C. G., Pires, A. P. F., Castro, P. F. D., Gadda, T., Toledo, P. (Eds.) **1º Diagnóstico Brasileiro de Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos**. São Carlos: Editora Cubo, 2019.

CAMPOS, N.; MARIANO, A. O ecoturismo como alternativa de desenvolvimento sustentável. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 5, n. 1, p. 1-6, 2005.

CERATTI, A.; BRASIL, A.; NETO, A. H.; RUTKOSKI, F.; NIEDERAUER, G.; GUTKOSKI, S. B.; RIBEIRO, S. Ocorrências com mamíferos atendidos pelo programa de conservação de fauna silvestre em Porto Alegre de 2007 a 2010. In: 2º MOSTRA DE TRABALHOS E PROJETOS DOS TÉCNICOS DE NÍVEL SUPERIOR DA PREFEITURA DE PORTO ALEGRE, 2010, Câmara Municipal de Porto Alegre. **Anais da 2º MOSTRA DE TRABALHOS E PROJETOS DOS TÉCNICOS DE NÍVEL SUPERIOR DA PREFEITURA DE PORTO ALEGRE**, Porto Alegre, 2010.

CHIARELLO, A. Influência da caça ilegal sobre os mamíferos e aves das matas de tabuleiro do norte do estado do Espírito Santo. **Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão**, v. 11, n. 12, p. 229-247, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 534.

IBGE. Folha SH.22 Porto Alegre e parte das folhas SH.21 Uruguaiana e SI.22 **Lagoa Mirim: geologia, geomorfologia**. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Levantamento de Recursos Naturais, v. 33, p. 796, 1986.

ICMBio/MMA. **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Vol. II – Mamíferos**. Brasília, DF: ICMBio/MMA, 2018.

ISLAS, C. A. **Identificação da mastofauna de médio e grande porte e suas relações com moradores no entorno da UFPel, Capão do Leão, RS**. 74f. Monografia (Conclusão de curso). Ciências Biológicas. Universidade Federal de Pelotas. Instituto de Biologia. Pelotas, 2012.

JORDANO, P., GALETTI, M., PIZO, M.A.; SILVA, W.R. Ligando frugivoria e dispersão de sementes à biologia da conservação. In ROCHA, C.; BERGALLO H.; VAN SLUYS, M.; ALVES M., **Biologia da conservação: essências**. São Carlos: Rima Editora, 2006, p. 411-436.

88 O DISCURSO COLETIVO DE UMA COMUNIDADE SEMIRRURAL SOBRE OS ANIMAIS SILVESTRES NO SUL DO PAMPA

KELLERT, S. R. The Biological Basis for Human Values of Nature. In: KELLERT, S.; WILSON, E. **The biophilia hypothesis**. Washington: Island Press, 1993. p. 42-72.

KUHNEN, A. Lagoa da Conceição – Meio ambiente e modos de vida em transformação. **Ambiente & Sociedade**, v. 5, n. 2, p. 219-222, 2002.

LEFEVRE, F.; LEFEVRE, A. M. C. O sujeito coletivo que fala. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 10, n. 20, p. 517-524, 2006.

LOYOLA, R. Brazil cannot risk its environmental leadership. **Diversity and Distributions**, v. 20, p. 1365-1367, 2014.

MARQUES, A. A. B.; FONTANA, C. S.; VÉLEZ, E.; BENCKE, G. A.; SCHNEIDER, M.; REIS, R. E. **Lista das espécies da fauna ameaçadas de extinção no Rio Grande do Sul**. 1. ed. Porto Alegre: ZB/MCTPUCRS. PANGAEA, 2002. 52p.

MAZIM, F.; DIAS, R. e SCHLEE JR., J. Mastofauna de médio e grande porte ocorrente no município de Pelotas, sul do Rio Grande do Sul. In: XIII Congresso de Iniciação Científica, nov., 2004, Pelotas. **Anais do...** Pelotas, 2004. Disponível em: <http://www.ufpel.edu.br/cic/2004/arquivos/CB_01320.rtf>. Acesso em: 8 de nov. de 2021.

OLIVEIRA, A. M. V. **Etnozoologia: uma ciência voltada para a conservação da biodiversidade**. Dissertação de Mestrado do Curso de Pós-Graduação em Ambiente e Sociedade, Universidade Estadual de Goiás – GO, 2020.

OVERAL, W. L. Introduction to ethnozoology: what it is or could be. In: Posey, D. A. e Overal, W. L. (orgs.). **Ethnobiology: implications and applications**. Belém: MPEG, 1990. p. 127-129.

OVERBECK, G. E., VÉLEZ-MARTIN, E., SCARANO, F. R., LEWINSOHN, T. M., FONSECA, C. R., MEYER, S. T., OVERBECK, G. E., VÉLEZ-MARTIN, E., SCARANO, F. R., LEWINSOHN, T. M., FONSECA, C. R., MEYER, S. T., MULLER, S. C., CEOTTO, P., DADALT, L., DURIGAN, G., GANADE, G., GOSSNER, M. M., GUADAGNIN, D. M., LORENZEN, K., JACOBI, C. M., WEISSER, W. W. & PILLAR, V. D. Conservation in Brazil needs to include non-forest ecosystems. **Diversity and Distributions**, v. 21, n. 12, p. 1455-1460, 2015.

PIEPER, D. **Representações às margens do São Gonçalo: o pertencimento e sustentabilidade na perspectiva da educação ambiental da UFPel – estudo de um processo de formação/capacitação dos servidores**. 2012. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Universidade Federal de Rio Grande, Rio Grande.

PORFIRIO, G. Etnozoologia e conservação da onça-pintada (*Panthera onca*) no Brasil. **Interações (Campo Grande)**, v. 20, p. 559-574, 2019.

REIS, N. R.; PERACCHI A. L.; PEDRO, A.W.; LIMA, I. P. **Mamíferos do Brasil**. 2.ed. Londrina: Nélío R. dos Reis, 2006. 437p.

RENCTAS. **1º Relatório Nacional sobre o Tráfico da Fauna Silvestre**. Brasília, 2001, p.108. Disponível em: <http://www.renctas.org.br/files/REL_RENCTAS_pt_final.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2021.

RIOS, A. B. M., CUNHA, J. F., ROCHA, E. C., MACCAGNAN, D. H. B. Caracterização e notas etnozoológicas sobre os mamíferos de médio e grande porte em uma área de proteção ambiental do Cerrado goiano. **Multi-Science Journal**, v. 2, n. 2, p. 1-8, 2019.

89 O DISCURSO COLETIVO DE UMA COMUNIDADE SEMIRRURAL SOBRE OS ANIMAIS SILVESTRES NO SUL DO PAMPA

ROCHA-MENDES, F.; MIKICH, S.; BIANCONI, G.; PEDRO, W. Mamíferos do município de Fênix, Paraná, Brasil: etnozoologia e conservação. **Revista Brasileira de Zoologia**, v. 22, n. 4, p. 991-1002, 2005.

SÁ, L.M. Pertencimento. In: FERRARO, L. A. (Org). **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA/DEA, 2005. p. 247-256

SAIKI, P. T. O.; GUIDO L. F. E., CUNHA, A. M. O. Etnoecologia, etnotaxonomia e valoração cultural de Psittacidae em distritos rurais do Triângulo Mineiro, Brasil. **Revista Brasileira de Ornitologia**, v. 17, n. 1, p.41-52, 2009.

SAITO, C. H.; BRASILEIRO, L.; ALMEIDA, L. E.; TAVARES, M. C. H. Conflitos entre macacos-prego e visitantes no Parque Nacional de Brasília: possíveis soluções. **Sociedade e Natureza**, v. 22, n. 3, p.515-524, 2010.

SANTOS-FITA, D.; COSTA-NETO, E. M. As interações entre os seres humanos e os animais: a contribuição da etnozoologia. **Biotemas**, v. 20, n. 4, p. 99-110, 2007.

SOUZA, R. M. E. Visões da Natureza X Vertentes Ideológicas do Ambientalismo: Contribuição ao Debate sobre Sustentabilidade no Brasil. In: II Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade, Indaiatuba, 2004. **Anais do...** Indaiatuba: ANPPAS, 2004.

TERBORGH, J., LOPEZ, L., NUNEZ, P., RAO, M., SHAHABUDDIN, G., ORIHUELA, G., RIVEROS, M., ASCANIO, R., ADLER, G.H., LAMBERT, T.D.; BALBAS, L. Ecological meltdown in predator free forest fragments. **Science**, v. 294, n. 5548, p. 1923-1926, 2001.

Recebido em: 17/02/2022

Aprovado em: 06/04/2023

Publicado em: 19/04/2023